



A crise da esquerda como crise estrutural do moderno sistema produtor de mercadorias

Thiago Canettieri¹

Resenha do livro:

FERNANDES, Sabrina. *Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira*. São Paulo, Editora Autêntica, 2019.

“Sintomas Mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira” é o livro de estreia de Sabrina Fernandes. Socióloga marxista, é a responsável pelo canal de *YouTube* “Tese Onze” (além de outras mídias sociais), no qual ela compartilha reflexões e análises políticas sobre o momento político, apresenta conceitos marxianos e faz um intenso e importante trabalho de formação política e comunicação crítica nas redes sociais. O livro em questão é resultado de sua tese de doutoramento em sociologia, defendida pela Carleton University, no Canadá. Seu texto é uma tentativa de fornecer uma básica analítica para o atual momento da política brasileira que, segundo ela, começa a se transformar radicalmente a partir de 2013 como resultado de uma série de processos. Sua análise, calcada na reflexão conceitual sobre política dentro do campo marxista e uma série de levantamentos empíricos coletados com trabalho etnográfico em campo desde 2013, oferece importantes subsídios para compreender a realidade política e a prática da esquerda contemporânea.

A autora investiga a fragmentação da esquerda, fenômeno que se tornou patente e tão claro como o sol de meio-dia durante a Nova República. O livro não tem apenas consequências teóricas, mas é uma obra que busca o tempo

¹ Instituto de geociências, UFMG – Belo Horizonte – Brasil - thiago.canettieri@gmail.com. Orcid – <http://orcid.org/0000-0003-3662-6104>

todo extrair as consequências práticas da reflexão sobre este processo. O livro é bem escrito, simples, preocupado em introduzir os conceitos, além de ser generoso com o leitor por oferecer sínteses parciais que vão acumulando para a construção do argumento da autora. Assim, o texto de Sabrina Fernandes definitivamente oferece acesso para compreensão e classificação dos atuais desenvolvimentos da esquerda brasileira, sua crise e também a ascensão da extrema-direita bolsonarista (ainda que o tema não apareça completamente desenvolvido, há indicações preciosas nesse sentido).

Sua reflexão olha para a história recente do Brasil — e, nesse sentido, reside uma de suas principais contribuições. Partindo da Esfinge no meio do caminho que Junho de 2013 parece ter se tornado, tanto para as organizações políticas quanto para os teóricos e analistas sociais, Sabrina coloca a vertiginosa sucessão de fatos que parecem indicar os sintomas mórbidos que começaram a circular na sociedade brasileira desde então: Junho de 2013, o mar verde-e-amarelo com brisas conservadoras de 2015, o Golpe-Parlamentar de 2016, a desmobilização total frente ao chamamento de uma greve geral em 2017, a prisão ilegal do ex-presidente Lula em 2018 até culminar na eleição de Bolsonaro, em 2018. Seu argumento se volta a entender a capacidade organizativa da esquerda nesse contexto. À medida que desenvolve o livro, Sabrina Fernandes demonstra a incapacidade da esquerda de atuar no cenário descrito: “complexo é o adjetivo definidor dessa conjuntura. O substantivo seria crise” (Fernandes, 2019: 18).

As jornadas de junho de 2013 são, portanto, seu posto privilegiado de observação, no qual a análise dos atores e dos desdobramentos fornecem os elementos para sua interpretação. Se o início das manifestações foi puxado por um setor da esquerda radical, como o Movimento Passe Livre e setores amplos de uma juventude, rapidamente as marchas e atos foram ocupados pela classe média, impulsionada por uma solidariedade contra a violência policial e a incorporação da pauta “não são apenas 20 centavos”, levantando uma miríade de questões e insatisfações que circulavam no Brasil. Setores da mídia tradicional e hegemônica, que, no primeiro momento, colocaram-se contrários às manifestações, mudam o discurso e promovem uma verdadeira massificação. Sabrina Fernandes já vê elementos para identificar uma crise da representação, uma vez que os setores que puxaram as manifestações com suas próprias pautas são jogados para escanteio – eles não representavam a vontade popular, ou, pelo menos, não havia neles a identificação necessária para essa representação. A partir daí, as manifestações passam a ter traços conservadores. A estética dos atos é alterada para um verdadeiro mar verde-e-amarelo, sendo atravessado por discursos antipartido, mobilizados pelo sentimento de antipetismo e antiesquerda

construído na sociedade. Essa é a expressão produzida pela pós-política, como descreve a autora. Na verdade, continua Fernandes, a própria esquerda hegemônica, que ocupou o poder até ser golpeada pelos próprios operadores que até anteontem faziam parte do seu consórcio, valeu-se da despolitização para garantir o consentimento popular ao seu projeto eleitoral. A essa altura, as ruas já estavam dominadas por um discurso de extrema-direita, inflado por uma crise da esquerda. Os desdobramentos, hoje já tão evidentes, são a crescente tendência fascista na sociedade.

A forma de exposição encontrada por Sabrina Fernandes é interessante: as Jornadas de Junho de 2013 e os seus efeitos figuram como uma metonímia da política brasileira. As ideias de pós-política e ultrapolítico representam o núcleo conceitual de seu argumento. São dois lados da mesma moeda da despolitização da sociedade: aquele se utiliza de um discurso que pretende superar a ideologia, assumindo a si mesmo como isento de ideologia; este designa a exacerbação da fratura política, produzindo uma polarização que suspende o debate politizado, adotando o modelo da guerra. Não é preciso muito esforço para demonstrar a pertinência dos argumentos de Fernandes para a compreensão do Brasil hoje.

Fernandes reconhece que parte dessa responsabilidade está na própria esquerda, o que é indicativo de sua crise. Na verdade, escreve a autora, o fracasso da esquerda reside na incapacidade de “unificar a consciência teórica e prática não só da classe trabalhadora em si, mas também dos militantes e líderes cujas funções organizadoras consistem em construir consciência política” (Fernandes, 2019: 99). As razões disso, segundo ela, são duas outras crises: a crise de representação e a crise de práxis. A primeira é um sintoma, visto da base, de um problema maior: a crise de práxis da organização como um todo.

Nesse contexto, Sabrina Fernandes identifica as causas da fragmentação da Esquerda: “a causa da fragmentação da esquerda (estratégia e organizacional) no Brasil está ligada a esse fenômeno mais amplo de fragmentação no nível de consciência política, evidenciado até então na análise da despolitização” (Fernandes, 2019: 288).

Há, portanto, uma centralidade ao sentido de despolitização, entendido por ela não como desinformação, manipulação ou ignorância. Despolitização é o nome do processo que “[...] envolve uma alteração de significados políticos na sociedade que corresponde a um distanciamento do reconhecimento de uma pessoa ou grupo do seu papel na sua realidade concreta” (Fernandes, 2019: 213).

É a partir desse ponto que é preciso colocar alguns elementos a mais. Evidentemente, o livro de Sabrina Fernandes se sustenta por si só e é, como já dito, uma importante contribuição. Contudo, penso, a análise feita por Fernandes

convida a ir além de seu texto. Eis que surge uma questão: Fernandes apresenta um avanço na interpretação sobre a política brasileira ao descrever os processos que levam ao soerguimento da despolitização, reconhecendo-o como resultado da crise da esquerda. Quais as causas da crise da esquerda? Esta crise aparece em seu livro como um fato já dado.

A meu ver, a crise da esquerda está conectada a um fenômeno mais geral: a crise das formas sociais historicamente determinadas do capital. O capital, enquanto processo contraditório, coloca limites e barreiras a sua própria reprodução. Esse processo imanente de crise foi descrito por Marx (2013) n^o “O Capital”, que, infelizmente, ainda é lido como um livro de Economia – e o subtítulo precioso, *Crítica da Economia Política*, segue sendo solenemente negligenciado. O processo descrito por Marx em “O Capital” como mais-valor relativo, aquele pelo qual o capital se universaliza, é central para essa compreensão. Se os capitais individuais precisam aumentar a produtividade do trabalho, estes o fazem elevando a composição orgânica do capital, o que significa uma redução da massa de trabalho vivo disponível e, por fim, menos valor é criado no sistema geral. Essa formulação teórica de Marx, ainda no Século XIX, mostrou-se verdadeira quase um século mais tarde, na década de 1970, quando “observamos um ciclo independente de desemprego em massa, que tem crescido de forma quase autônoma em relação aos ciclos conjunturais” (Kurz, 2018: 61). Ora, o resultado disso é só um: a dissolução de formas historicamente determinadas de mediação social constituídas sob a égide do capital ocasionada pelo seu próprio funcionamento interno. O trabalho, sobretudo, mostrou-se como a categoria fundacional do social — o que não significa reconhecê-lo enquanto ontologia trans-histórica do ser social. Contudo, uma sociedade que tem seu fundamento erodido, como um edifício com pilares danificados, começa a ruir. O trabalho, substância do valor — que não é uma categoria estritamente econômica em Marx, mas uma categoria de crítica social —, funciona como o princípio de mediação entre os indivíduos, de formação de identidade e de reconhecimento intersubjetivo. Essa mesma sociedade que alçou o trabalho a este posto o derruba — sem nada pôr em seu lugar. Assim, ocorre a passagem de uma sociedade do trabalho para uma sociedade do desemprego.

O desemprego estrutural gigantesco — e que não para de crescer — não conduz mecanicamente os envolvidos às formas de elaboração da direita ou à falência da esquerda. Mas, como afirma Kurz (2020: 64), configura o pano de fundo no qual germinam essas flores do mal. O trabalho foi também a categoria que a esquerda fundou sua gramática política. Uma vez dissolvido o trabalho, toda a gramática política da esquerda também o é. Ou seja, a ideologia legitimadora do trabalho conformou a própria gramática da luta política de esquerda.

Portanto, parece-me que pensar uma convergência do diagnóstico traçado por Sabrina Fernandes em seu livro com a explicação teórica construída pela tradição Crítica do Valor [*Wertkritik*] pode ser um caminho produtivo para compreender a realidade do Brasil. A despolitização descrita em “Sintomas Mórbidos” é um processo imanente à própria noção de política da modernidade e se desenvolvem no seio das contradições gerais do sistema produtor de mercadorias. Suas causas não são apenas internas às organizações de esquerda, mas suas raízes estão, na verdade, no desenvolvimento contraditório das formas sociais. Se, como escreve Fernandes, há uma dessubstancialização da política, essa corresponde à dessubstancialização da forma-valor.

Por isso, parece-me, é preciso ir além do que sugere a autora: não se trata apenas de fazer com que “a esquerda se envolva em autocrítica e encontre maneiras de politizar a multidão novamente” (Fernandes, 2019: 95). A crise de práxis é algo estrutural a essa forma social. As condições materiais da crise do sistema produtor de mercadorias dessubstancializa a práxis tal qual estávamos acostumados. A despolitização não é apenas resultado das decisões conscientes ou não das organizações de esquerda, mas dizem respeito a uma determinada forma de imposição da estrutura social em derretimento. Ou seja, é preciso conceber outra gramática capaz de perceber o problema e, a partir dele, agir.

Para assumir tal missão, não é possível se desprender da crítica da economia política. A esquerda que abandona tal projeto está fadada a jogar fora a compreensão fundamental marxiana. Nesse sentido, é exatamente essa a estrondosa ausência no livro de Sabrina Fernandes. Não é o caso de reivindicar um economicismo vulgar. Ao contrário, é preciso reconhecer que a economia oferece as categorias fundamentais por meio das quais a sociedade moderna se auto compreenda; portanto, “a crise econômica e suas consequências sociais, naturalmente, são centrais em uma sociedade que foi dominada em todos os seus poros pela economia” (Kurz, 2020: 63). A construção do argumento de Fernandes é exclusivamente política e surpreende os textos mais fundamentais de Marx não aparecerem nas explicações e análises da autora. Com toda certeza, não é por falta de conhecimento, mas sim porque, provavelmente, Sabrina não os considera os melhores instrumentos para explicar hoje. A questão que proponho é que, talvez, entender a dinâmica contraditória do capital seja mais fundamental do que supôs a autora.

No livro, o *deficit* de crítica da economia política é compensado com um politicismo, mas que preserva como índice inquestionável a própria politização. A falta de uma abordagem calcada na crítica radical da economia política acaba levando ao entendimento de que os sintomas mórbidos, tão bem tematizados por Sabrina Fernandes, sejam contrapostos a saídas envoltas nas brumas

do realismo capitalista penetrante das formas sociais burguesas. Tal realismo é resultado de uma carência de crítica da economia política que toma a pura facticidade do estado existente como limite do pensamento inscrito no quadro de suas categorias dominantes.

De tal maneira, Fernandes incorre em naturalizações que podem mais atrapalhar o diagnóstico do que ajudar. Por exemplo, quando a autora afirma que “o sujeito da esquerda é a classe trabalhadora” (Fernandes, 2019: 68), perde-se de vista o alerta de Marx: os trabalhadores são apenas “máscara de caráter” de um sujeito automático em seu movimento cego e contraditório em busca da autovalorização do valor. É preciso reconhecer os limites das categorias para se pensar na transformação do mundo, o que não é feito em “Sintomas Mórbidos”.

O texto de Sabrina Fernandes é repleto de tantos outros méritos que não foram contemplados nessa breve resenha (como o inédito levantamento das organizações de esquerda brasileira — embora com a ausência dos grupos anarquistas, além da discussão sobre luto, melancolia e a luta social). A intenção foi colocar algumas questões sobre o que julgo ser o núcleo teórico do livro, para, assim, debater nossos diagnósticos e análises a respeito de tão urgente problema: o futuro da esquerda.

Como nota a própria autora em seu prefácio, “há momentos em que é preciso complicar, com as mais variadas problematizações, para provocar a própria esquerda a pensar além de diagnósticos confortáveis”.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Sabrina. *Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira*. São Paulo, Editora Autêntica, 2019.
- KURZ, Robert. *Crise do valor de troca*. Rio de Janeiro, Consequência, 2018.
- KURZ, Roberto. *A democracia devora seus filhos*. Rio de Janeiro, Consequência, 2020.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. v. 1. São Paulo, Boitempo, 2013.

Recebido em: 04/09/2020

Aprovado em: 14/06/2021

Como citar esta resenha:

CANETTIERI, Thiago. A crise da esquerda como crise estrutural do moderno sistema produtor de mercadorias. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, jan.- abril 2021, pp. 457-462.